A CASA DA TORRE: LATIFUNDIO E EMBLEMA DO FEUDALISMO

MÁRCIA MARIA MENENDES MOTTA*

1- Das histórias que se contam sobre a casa

Quando estava redigindo sua tese sobre a família de Garcia d´Avila , o historiador Angelo Pessoa fotografou a placa de entrada do Castelo da Torre e a inseriu no anexo de seu trabalho. Preocupado em compreender a consolidação e consagração do poder daquela família, o autor queria ao menos registrar a força do termo feudal na associação com aquele patrimônio arquitetônico[1].



PLACA - DADOS GERAIS

(Foto: Ângelo Pessoa – 1998)

* Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Doutora. Este texto é parte de um projeto financiado pelo CNPq.

[1] Agradeço a Ângelo Pessoa que gentilmente me cedeu as fotografias relativas à Casa da Torre.

Aos visitantes, era informado de que aquele conjunto arquitetônico havia sido tombado pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em fevereiro de 1938[2]. As informações sobre as datas de construção, os nomes dos responsáveis e dos proprietários também ali estão presentes. Mas era preciso mais do que isso. Nas observações, o visitante ficava ciente também de três registros, certamente impactantes: aquele conjunto arquitetônico era a primeira grande edificação portuguesa no Brasil, era também o único castelo feudal das Américas e o maior latifúndio do mundo!

Nada mais emblemático do que a força daquelas aparentes e simples observações, expressas numa placa informativa, um convite à visita, um convite ao passado. A placa era seguida de algumas outras, resumindo a trajetória dos Garcia d´Avila e da construção do Castelo.

Em 2002, A Fundação Garcia D Ávila, publicou com o apoio da Eletrobrás cultural o livro**:** *A Casa da Torre de Garcia d Ávila*. A obra continha alguns textos sobre a sua história e sua arquitetura, e fora escrita em português e inglês. Com fotografia de Adenor Gondin[3], ela não tinha o objetivo de julgar as personagens que construíram e transitaram pela Casa - afirmara o texto de apresentação - mas apenas a de apresentar uma cronologia de fatos que relembrariam os principais episódios de sua história.

Com ensaio de Gastão de Holanda[4], o texto afirmava que o velho Garcia d´Avila inauguraria uma história muito rica de

> *"aventuras, todas as peripécias, alias, apropriadas a uma fase de nossa colonização, atravessada por guerras entre portugueses e índios, desbravamento dos sertões, pirataria, lutas entre portugueses e franceses ou holandeses, exploração de minérios fabulosos, catequese, política mesquinha ou não entre os mandatários da coroa, acumulo de fortunas pessoais, bravura, vícios, injustiças, enfim os fatores próprios do nascimento de uma nação*"(HOLANDA,2002,17)

Ainda segundo Holanda, O Castelo de Garcia d`Avila teria sido a maior e a mais imponente residência feudal do Brasil Colonial. No todo, o conjunto arquitetônico era

[2] Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi criado em 13 de janeiro de 1937. Logo, o tombamento da Casa se deu um pouco mais de ano após a criação do SPHAN.

[3] Trata-se do importante fotógrafo baiano, conhecido por suas fotografias sobre a Bahia.

[4] Ao que parece, Gastão de Holanda já havia morrido após a publicação do livro. Ainda que não tenhamos dados biográficos mais consistentes sobre o autor, parece tratar-se do advogado, jornalista e poeta Pernambuco.

formado pela torre, pela capela e pela residência. A Torre, que segundo o autor incluiria a capela, foi construída pelo primeiro Garcia, o Velho, e teria "a função estratégico-militar, e, no espírito medieval europeu, primeiro refugio do senhor feudal"(IDEM:19)

Para a elaboração de seu artigo, Holanda teve o cuidado ainda de sinalizar que – segundo Robert Smith – torre poderia significar um solar, pois em toda a região entre o Minho e o Douro, em Portugal, os solares são chamados de Casas da Torre(IBIDEM:22). Assim sendo, a própria denominação do lugar implicaria uma ligação estreita com a origem lusa do conjunto arquitetônico.

O texto destacava também o papel dos Avilas na ocupação do território brasileiro com a expansão do gado, "paralela a uma espécie de civilização do couro"(IBIDEM: 25) Também registraria o papel e a figura do vaqueiro e lembrava que ao escrever sobre este agente social, Euclides da Cunha e, em vários trechos de sua obra *os Sertões* , citava nominalmente os Avilas e a Casa. E assim, concluía que "O espírito feudal refletido nos vaqueiros, em sua roupagem especial e fantasiosa, está nos alicerces da majestosa Torre. Nos membros de uma família mameluca e poderosa"(IBIDEM:31)

Havia ainda a preocupação de reafirmar o papel colonizador dos Avilas, mas também a proteção que a Casa fornecia na defesa do território, bem como as constantes e recorrentes disputas com os missionários religiosos e o papel das mulheres da Casa, que substituíam seus maridos em razão de suas longas ausências. O poder das mulheres merecera, inclusive, um desabafo do padre Gusmão. Em uma carta para outro religioso, afirmara "se as mulheres da Casa da Torre não fossem mulheres, logo as havia de por na enxovia"[5] Ainda que não explique a conjuntura em que as mulheres teriam exercido um papel significativo na administração daquele lugar, Holanda achava importante sinalizar que o poder dos da Casa ir para além de seus protagonistas mais imediatos, os homens.

O ensaio termina com uma sinopse, com pequenas biografias dos integrantes da Casa da Torre, desde o seu primeiro instituidor Garcia d. Ávila, que chegara ao Brasil em 1549, passando por Francisco Dias D Ávila (III) que teria permanecido na Torre, sendo – ao contrário dos seus antecessores – protetor da Igreja. Ele teria morrido envenenado pela mulher e por aquele que seria seu marido em segundas núpcias, Pedro de Albuquerque. O texto, porém, não tem nenhuma fonte ou bibliografia que sustente os resumos das trajetórias das personagens ali apresentadas.

[5] Infelizmente, o autor não informa a data desta carta. Ibidem. p. 43.

Um segundo texto da obra, "A Restauração da Casa da Torre", de autoria do arquiteto Ubirajara de Mello buscou expor o processo de diagnóstico e restauração da Casa, sinalizando que foi no ano de 1939 que o conjunto arquitetônico fora tombado pelo Patrimônio, "estando entre os primeiros monumentos inscritos no Livro de Tombo das Belas Artes".(MELO, 2002: 60) Ao realizar um pequeno resumo sobre a história da Casa, afirmara "o Solar seguiu o caminho "feudal-aristocrático, sempre ao lado do poder, até os idos de 1835, quando da extinção do regime de morgado"(IDEM).

A obra, certamente um registro de um esforço bem sucedido de recuperação de um dos mais importantes patrimônios culturais do país, registrava assim um elo com o passado feudal, onde a Casa da Torre era a sua prova arquitetônica, outrora majestosa. O livro contém ainda dois outros textos, sobre o sitio arqueológico nas ruínas da Casa, de autoria de Silvia Puccioni (PUCCIONI: 2022) e um sobre o processo de recuperação arqueológica no lugar, de Ivan Soares e Nadja Soares(SOARES: 2002).

Para a redação daqueles dois primeiros textos, os autores, em especial Holanda, haviam consultado dois artigos da Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. O primeiro de Braz Amaral de 1915 e o segundo de Wanderley Pinto de 1929. Além disso, constava nas referências finais a indicação do Relatório de Godofredo Filho, escrito em 1937, para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, publicado na revista do mesmo serviço e as seguintes fontes: o livro de Fernão Cardim, *História dos Jesuítas e suas missões na América do Sul*, de 1872 , *O Tratado da Terra e da Gente do Brasil*, de Gabriel Soares e a coleção de cartas do Padre Manuel de Nóbrega, transcritas em *Cartas de Nóbrega, Bahia, aos Irmãos de Portugal*, de 1559. Dois autores se destacam nas referências: o primeiro é Euclides da Cunha, com o clássico, *Os Sertões* O segundo autor é Pedro Calmon, incluído na lista com o artigo "O Castello dos Garcias", de 1940 e publicado na revista da Academia de Letras da Bahia, o seu livro o Espírito da Sociedade Colonial, publicado pela Editora Nacional em 1935 e o seu livro *História da Casa da Torre*, de 1939.

Infelizmente não nos foi possível localizar o relatório do tombamento para ali identificar alguma relação mais estreita entre a Casa e as noções ligadas ao feudalismo. De todo modo, um trecho do relatório está precisamente no site da Casa da Torre, onde o relator Godofredo Filho exalta o poder expansionista dos Garcia D'Avila.

> "Se, aos bandeirantes do ciclo paulista, às mais das vezes coube desbravar o melhor de nossa natureza, - as terras férteis e ricas do Brasil central e do oeste, - aos bandeirantes baianos destinou-se a aridez de intérminas caatingas. Batedores do Nordeste, lutaram em cenário diferente: e o chão por eles palmilhado foi chão hostil das bromélias e dos cardos, a silva horrida, onde, lentamente, se elabora o processo clássico da formação dos desertos.(...)
>
> Aos bandeirantes do ciclo baiano deve-se a exploração e colonização do Nordeste. O S. Francisco e grande parte dos territórios de Pernambuco, Piauí, Maranhão e Ceará, foram devassados pelos nossos intrépidos sertanistas. E, quase sempre, a iniciativa e êxito de tão grandes empresas levou-os a Casa da Torre, a mais audaz e poderosa do Brasil colonial. Os Avilas, além de se afoitarem, pessoalmente, ao mais longínquo sertão, ordenaram, sob a direção de subordinados seus, entradas de que resultariam excelentes descobertas. Muitos dos melhores bandeirantes do Sul, e outros do Norte, estiveram, ora sob o controle direto dos senhores da Torre, ora associados às expedições que estes organizaram. Acresce, para seu elogio, que os Avilas foram, antes do mais, criadores de gado, isto é, colonizadores e civilizadores por excelência. Abriram as melhores estradas do Norte. E é justo dizer-se que os seus currais tornaram-se, muitos deles, centros de capital importância econômica, sobretudo os que se disseminaram pelo S. Francisco, o rio que Capistrano chamou "condensador da população. ...".(CASA DA TORRE,ORG)

Assim, passados tantos anos da interpretação marxista sobre os resquícios feudais do Brasil, há ainda – ao menos nas divulgações relativas à Casa da Torre – o esforço e eu diria mesmo, a intenção, de ressaltar o seu passado feudal.

As forças da relação entre latifúndio e feudalismo talvez seja mais impactante do que imaginamos. Talvez ela não tenha nascido gratuitamente, nem tampouco foi prisioneira da interpretação de esquerda. Talvez ainda haja uma linha de continuidade, tortuosa, não direta, é verdade, mas que nos permite ao menos explicar a permanência desta relação enquanto marca de uma memória.

II- **Os clássicos na interpretação sobre a Casa: Euclides da Cunha e Pedro Calmon**

O nome de Euclides da Cunha é certamente um detalhe muito importante, para não dizer essencial. A referência aos trechos de *Os Sertões* sobre o grande potentado adquire um sentido de verdade, dificilmente questionável. Em primeiro lugar, porque há muito o livro é considerado a mais importante obra da literatura brasileira e seu coroamento – enquanto obra-prima – foi o resultado de um processo de consolidação de *Os Sertões* como monumento e símbolo nacional. As palavras de Euclides da Cunha,

portanto, tem um peso indiscutível. Segundo Regina Abreu, em 1994 foi realizada uma pesquisa com 15 maiores intelectuais do país que elegeram *Os Sertões* como a obra "mais representativa da cultura brasileira de todas as épocas" (ABREU, 1998:19) . Ainda segundo a autora, quaisquer que tenham sido os critérios para a escolha dos entrevistados, não resta dúvida que " independentemente da produção editorial e publicitária em torno dessa `grande obra´ e de seu igualmente `grande autor`, sua fabricação e perpetuação estão relacionadas a demandas sociais" . Neste sentido, o livro transformou-se em monumento, símbolo nacional ou ainda lugar de memória, extrapolando "suas características iniciais, desempenhando funções sociais que ultrapassam seu valor puramente literário" (ABREU, 1998, 23.).

Publicado pela primeira vez em 1902, *Os Sertões* é uma obra-prima sobre a experiência trágica de Canudos. A força de seu relato alimentou durante décadas as interpretações sobre o evento e fez de Canudos o exemplo maior dos conflitos de terra no país dos primeiros anos da República.

A produção acadêmica sobre aquela experiência histórica foi tão influenciada pelo testemunho literário de Euclides da Cunha que é comum a referência de que há uma geração de intérpretes que se apoiaram naquele autor para analisar Canudos. A força dos seus argumentos, candentes e mesmo angustiados, tornou-se assim fontes históricas.

Ao escrever sobre Canudos, Euclides da Cunha destaca as abusivas concessões de sesmarias doadas a uma única família, a de Garcia d`Avila, da Casa da Torre. Lá, achavam-se povoados muito antigos "acompanhando o S. Francisco até os sertões de Rodelas e Cabrobó avançaram logo no século XVII as missões no lento caminhar que continuaria até o nosso tempo". Mas, o autor afirmara que eles "não tiveram um historiador". E continua:

> *A extraordinária empresa apenas se retrata, hoje, em raros documentos, escassos demais para traçarem a sua continuidade. Os que existem, porém, são eloqüentes para o caso especial que consideramos. Dizem, de modo iniludível, que enquanto o negro se agitava na azáfama do litoral, o indígena se fixava em aldeamentos que se tornariam cidades. A solicitude calculada do jesuíta e a rara abnegação dos capuchinhos e franciscanos incorporavam as tribos à nossa vida nacional e quando no alvorecer do século 18 os paulistas irromperam em Pambu e na Jacobina, deram de vistas, surpresos, nas paróquias que, ali, já centralizavam cabildas. (...)*(DA CUNHA:s/d)

Mas o povoamento daquelas áreas não seria apenas propiciada pela expansão dos Garcia d'Ávila. Na segunda metade do século 17 também Domingos Sertão ocupara aquele território.

Ostentando, assim como outros, "um feudalismo achamboado – que o levava a transmudar, em vassalos os foreiros humildes e em servos os tapuias mansos" (DA CUNHA: s/d).

Para Euclides da Cunha ainda foram as concessões de sesmarias que teriam sido as definidoras "da feição mais durável do nosso feudalismo tacanho". Este teria ainda como exemplo as terras dos herdeiros de Antonio Guedes de Brito, "dilatados latifúndios, sem raias, avassalando a terra" (DA CUNHA: s/d).

É precisamente a união entre latifúndio e feudalismo (ainda que tacanho) que orienta a análise de Euclides da Cunha para explicar a ocupação de terras dos grandes potentados rurais do Nordeste. Não nos é possível aqui discutir a obra em sua relação com a descoberta do sertão como objeto e a relação entre civilização e barbárie que acompanha a obra e as interpretações sobre ela. Mas o que é marcante a meu ver e para os precisos objetivos do trabalho em tela é que a relação entre latifúndio e feudalismo não nasceu com os teóricos marxistas da versão feudal, mas já estava presente na literatura exemplificada com a obra mais importante produzida no período. Entende-se assim porque na apresentação do livro sobre a reconstrução da Casa da Torre o nome de Euclides da Cunha é lembrado. Ele sintetiza uma determinada visão sobre o passado rural, onde a extensa ocupação territorial dos grandes potentados é exemplificada pela menção às duas mais importantes propriedades vinculadas da América Portuguesa: a Casa da Torre e a Casa da Ponte.

Mais não é somente ele. A inclusão das obras de Pedro Calmon talvez fosse mais do que uma obrigação. Calmon é certamente o primeiro autor a reconstruir a trajetória da Casa da Torre, recuperando várias fontes de época sobre a consolidação e a força da família dos Garcia. Seu livro, *História da Casa da Torre. Uma dinastia de pioneiro* foi apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em (CALMON,1939).

Nascido na Bahia em 1902, o advogado Pedro Calmon foi autor de vários trabalhos e teve também presença na política brasileira como deputado estadual da Bahia e também deputado federal em 1935. Foi ministro da Educação e da Saúde no

Governo Eurico Dutra, membro do Instituto Histórico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras e professor de Direito na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. O seu primeiro trabalho jurídico foi precisamente sobre o direito de propriedade em 1926 e somente escreveu o livro sobre a Casa da Torre em 1939.

Em seu livro, Pedro Calmon associada a Casa da Torre ao feudalismo. Ainda que nenhum momento discuta a questão ou faça alguma análise mais detalhada sobre o tema, ele é categórico ao afirmar que Garcia d'Avila era um senhor feudal: "Porém era mais do que uma insistência: era realmente uma apropriação em grosso. Se em 1624 lhe permitia o monarca entrar como senhor feudal os sertões da Bahia, em 1627 lhe consentiu o governador que por eles investisse como dono". (CALMON: 1939)

Mais adiante, ao se referir à sucessão da Casa e a busca de novas terras dos Garcias, destacava: "A herança do primeiro Garcia retraçava-lhe no caráter a linha primordial da força consciente e serena. Podia ser um barão feudal e um desinteressado soldado del-Rei Dom João IV. Riquíssimo, nada mais pretendia em mercê e graças: mas o seu apetite de terras continuava insatisfeito" (CALMON: 1939,73)

É verdade que nem de longe o livro de Calmon teve a mesma projeção da de Euclides da Cunha. No entanto, o fato de ter sido o primeiro a se dedicar a escrever sobre a Casa fez dele uma obra-prima no sentido original do termo, enquanto Euclides da Cunha, com *Os Sertões*, adquiriu o estado de obra-prima no sentido que conhecemos hoje.

Parece-me óbvio que não é preciso destacar aqui quantas edições já foram feitas do livro de Euclides da Cunha, sendo muito singela a presença do livro de Calmon em suas três edições.

Edições do Livro: A Casa da Torre

1ª edição	1939	José Olympio
2ª edição (aumentada)	1958	José Olympio
3ª edição	1983	Fundação Cultural da Bahia

Fonte: Estante virtual

Em suma, o que quero aqui afirmar é que a relação entre latifúndio e feudalismo ou precisamente entre morgadio (enquanto exemplo de latifúndio) e feudalismo era corrente nos primeiros anos republicanos e isso permaneceu como uma chave de leitura ao longo de gerações. Quando escreveram sobre a casa, aqueles autores dos anos 2000 não se utilizaram de nenhum texto da chamada vertente feudal marxista para defender a vinculação entre latifúndio e feudalismo, mas sim intelectuais expressivos do país e umbilicalmente ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras.

É difícil saber as razões pelas quais são estes livros e fontes, e não outros, que foram escolhidos por Gastão de Holanda para a apresentação de seu ensaio de 2002. Ele não segue as normas recorrentes de apresentação de um texto acadêmico. Ele faz um resumo sobre a trajetória da Casa, com informações descontextualizadas e – de certa forma, superficiais – mas que permitem ao leitor compreender a importância histórica daquela arquitetura.

De todo modo, não deixa de ser interessante que em 2002, após a recuperação da Casa da Torre como patrimônio arquitetônico reafirme-se a noção de que ela é o exemplo emblemático do feudalismo no Brasil. Quando foi aberta ao público em fins de 2002, o professor titular de Arquitetura da Universidade da Bahia escreveu um pequeno artigo extremamente interessante sobre a trajetória de constituição da Casa como patrimônio cultural. Nele, a Casa é mais uma vez apresentada como um dos maiores feudos que se tem notícia no mundo(AZEVEDO:s/d:1).

Mas os autores daquele livro comemorativo sobre a recuperação da Casa da Torre não são historiadores. Também não podemos acusar o arquiteto que escrevera um artigo sobre a abertura da casa ao público de não perceber a impropriedade de chamar de feudal o exemplo de um latifúndio, cuja história foi sempre marcada por redescobertas e alguns mistérios.

Mas se a memória que se consolida sobre a casa é inclusive revalorizada nos dias de hoje, como na placa presente na entrada daquele patrimônio, é instigante se indagar sobre a força desta relação e entende-la como alegoria.

III- **A Casa da Torre como alegoria do latifúndio**

Detemo-nos agora no livro escrito em 2000 sobre a Casa da Torre. Escrito por Muniz Bandeira, o livro foi publicado pela Editora Civilização Brasileira e é um livro de 695 páginas dedicadas ao tema. A obra foi financiada pelo Ministério da Cultura, sob a direção de Francisco Weffort em comemoração aos 500 anos da descoberta do Brasil. Em seu alentado estudo, Bandeira recupera toda a trajetória da Casa, desde a sua institucionalização com o primeiro Garcia d'Avila em ---- até a extinção do morgadio em 1835 (BANDEIRA, 2000).

Ao investigar os três séculos de domínio do clã de Garcia d'Ávila, o autor considera que tal domínio tinha características feudais. A despeito do alerta feito pelo apresentador da obra – Francisco Weffort- acerca da utilização do termo feudo em seu sentido figurado, o livro de Moniz Bandeira de fato recupera a questão do feudalismo em terras tropicais, ao afirmar: "A Casa da Torre constituiu um caso emblemático, no qual a feudalidade essencial da colonização do Nordeste mais claramente se manifestou"(BANDEIRA, 2000: 25).

Se é possível discutir a legitimidade dos argumentos daqueles autores que produziram os textos comemorativos à recuperação da Casa da Torre, insistindo no fato de que eles não são historiadores, não é possível ignorar a produção de Moniz Bandeira, reduzindo-o à condição de um autor menor.

Bandeira nasceu na Bahia e teve sua carreira marcada pelo apoio a João Goulart, a quem acompanhou ao exílio em razão do golpe. É doutor em ciência política e professor titular de História da Política Exterior do Brasil, na Universidade de Brasília. Autor de vários trabalhos sobre relações internacionais publicou, entre outros: *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil - 1961-1964* e *De Marti a Fidel: a revolução cubana e a América Latina*.

Não se pode afirmar que Bandeira seja um intelectual particularmente atento aos dilemas do campo brasileiro, a despeito de seu apoio a João Goulart em 1964. Quando escreveu o livro sobre aquele período não deixou de atacar as ações das ligas camponesas.

> *"A preparação de guerrilhas pelas Ligas Camponesas, àquele tempo, constituía de fato uma política aventureira e irresponsável, à qual os dirigentes do PCB se opuseram, por considerar que ela, objetivamente, adquiria o caráter de provocação. Em realidade, os dirigentes do PCB conduziram-se com moderação, prudência e sensatez, embora fossem de certo modo imprevidentes e até mesmo ingênuos, na expectativa de que a URSS iria superar estrategicamente os EUA* (BANDEIRA, 2006).

Assim e certamente Bandeira não é um historiador de esquerda,tampouco um marxista. Isso nao significa dizer que é um autor desatento. Seu livro é extremamente cuidadoso no levantamento e análise da documentação, ainda que a teoria seja quase inexistente. Ele náo discute o conceito de feudalismo, tampouco dialoga com aqueles que naqueles anos 60 utilizaram-no para expliar o rural, precisamente os intelectuais do Partido Comunista.

O que orienta o trabalho de Bandeira é o esforço de recuperar a história da Casa da Torre é a de estudá-la em seus mínimos detalhes. Para tanto, ele constrói uma narrativa que procura deslindar o processo de institucionalização do morgadio, a relação com a Coroa Portuguesa, os embates com os índios, o processo de apropriação territorial e transmissão do patrimônio até a extinção do morgadio em 1835, com o fim do sistema de primogenitura do nascente Império Brasileiro.

O seu texto é marcado por inúmeras fontes primárias – muitas delas – pouco conhecidas, o que revela um trabalho de recuperação de documentos em vários arquivos nacionais.

Em várias passagens do texto, é possível encontrar recorrentes relações entre morgadio e feudalismo.Logo, é instigante perceber como o uso do termo se espraiou por vários lugares, por vários e distintos saberes e por posições políticas não coincidentes. A Casa da Torre tornou-se um símbolo de um latifúndio e do feudalismo no Brasil.

Referências bibliográficas

Abreu, Regina. O Enigma de Os Sertões. Rio de Janeiro, Editora Rocco/FUNARTE, 1998.

Azevedo, Paulo Ormindo "O Castelo Revisitado:Contexto e Recepção" in Espaço Critico.

Bandeira, Luiz Alberto Moniz. O Feudo. A Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à Independência do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

Bandeira, Moniz. "O golpe militar de 1964". In: Espaço Acadêmico, número 65, outubro de 2006.

Holanda, Garcia, A Casa da Torre de Garcia d Avila in A Casa da Torre de Garcia d Ávila. Rio de Janeiro, Arte & Cultura, 2002.

http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_2934.html Retirado em 03 de novembro de 2010.

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/pedro_calmon Retirado em 03 de novembro de 2010.

http://www.casadatorre.org.br/ Retirado em 01 de outubro de 2010.

http://www.espacoacademico.com.br/065/65bandeira.htm

Mello, Ubirajara Avelino de "A Restauração da Casa da Torre" in. A Casa da Torre de Garcia d Ávila. Rio de Janeiro, Arte & Cultura, 2002.

Pessoa, Angelo. As ruínas da Tradição. A Casa da Torre de Garcia d Ávila. Família & Propriedade no Nordeste Colonial. São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 2003.

Puccioni, Silvia. "Consolidação de um Sitio Arqueológico nas Ruínas da Casa da Torre de Garcia d Ávila" in: in A Casa da Torre de Garcia d Ávila. Rio de Janeiro, Arte & Cultura, 2002.
Soares, IVAN & Soares, Nadja Freire "A Saga de Garcia D Ávila. Um resgate Arqueológico" in: in A Casa da Torre de Garcia d Ávila. Rio de Janeiro, Arte & Cultura, 2002.
Retirado em 03 de novembro de 2010.